***Os 12 trabalhos* (2006) Ricardo Elias**

Héracles é um jovem negro da periferia de São Paulo, que no seu primeiro dia de trabalho, após um tempo preso na Febem, tem que realizar doze tarefas para ser efetivado como motoboy. Ele vai rodar a cidade e nos levar a conhecer uma série de pessoas da sociedade paulistana que não poderia ser menos do que um desejo de retratar o país. Héracles, em voz over, é também aquele que conhece o passado, o presente e o futuro daqueles que cruzam seu caminho. Não que essas pessoas sejam caricaturas da sociedade, mas porque elas dificilmente sobressairão do destino a que lhes foram impostas. Uma filosofia oposta ao discurso do sonho americano, onde tudo é possível e realizável.

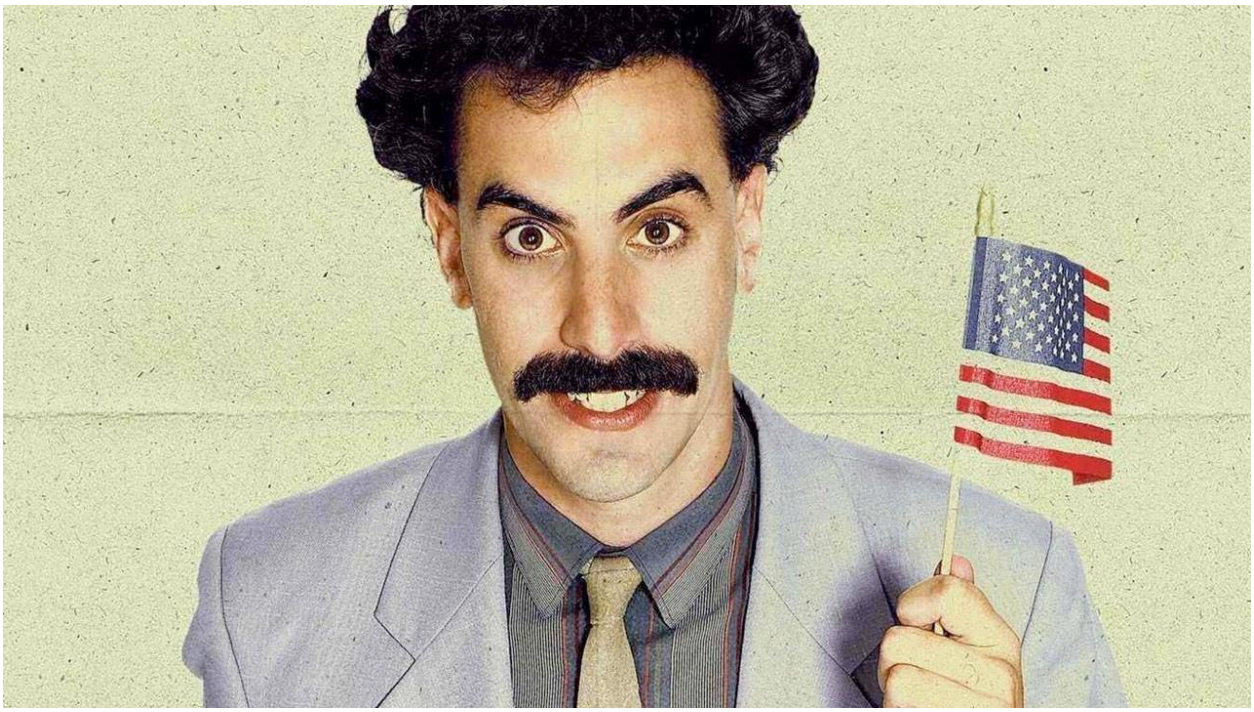
A cada curva de esquina, entre um carro e outro e entre uma entrega e outra, o aprendiz de motoboy não se deixa sucumbir pelos percalços que a cidade lhe impõe e consegue se safar das situações mais constrangedoras. O drama do filme reside nesses pequenos empecilhos que como ninguém Héracles sabe driblar e corromper: a discriminação social, a injustiça, os desmandos. Estamos longe do herói sofredor que as mazelas de uma grande cidade acabam por o engolir e mesmo matar como em *O homem que virou suco* de João Batista de Andrade, *Pixote* de Hector Babenco ou *A hora da estrela* de Suzana Amaral. Héracles habita e faz parte de São Paulo tanto quanto os motoboys pertencem ao trânsito das ruas paulistanas. Talvez por isto que a cidade lhe é também acolhedora, e não faltam pessoas que o ajudarão a vencer os desafios.

Héracles não somente conhece e antecipa os destinos alheios, como também tenta sublimar as mazelas cotidianas através de um ponto de vista filosófico. Assim como na sua premissa inicial quando diz que "o lugar onde se nasce já determina o que ou quem a pessoa vai ser", valesse também para o seu nome vindo da mitologia grega, que lhe deram para salvá-lo de uma doença de nascença, já lhe dotasse de antemão de uma voz filosófica, madura e crítica sobre a sociedade.

A tragédia não deixará de atravessar o caminho do motoboy. No entanto, o drama não vai muito além dos créditos finais, pois o filme opta por um tom otimista e sonhador, e nos leva ao encontro de uma redenção possível. Pelo menos aquela do "espírito". Atualmente o filme em cartaz no Festival Latino Americano de

Vancouver, **Os 12 trabalhos** (2006) do premiado cineasta do filme **De passagem** (2003), Ricardo Elias, já rodou os festivais de Berlin, Palm Springs, Miami, San Diego e Chicago. O filme foi premiado em San Sebastian (Espanha), Havana (Cuba), Festival do Rio e levou seis prêmios no Festival de Pernambuco. Não é para menos, afinal a trilha musical de André Abujamra e a seleção de atores, em especial o protagonista Sidney Santiago e Flávio Bauraqui, são realmente de tirar o chapéu. **Os 12 trabalhos** é São Paulo na sua máxima essência, aquela sublimada apesar de "concreta".

Borat **(2006) Larry Charles**



Que tipo de riso nos provoca o filme **Borat, o segundo melhor repórter do glorioso país Cazaquistão viaja à América**? O riso do escracho, o riso do espanto, o riso do desconforto, o riso do absurdo, o riso irônico, o riso desopilante, o riso constrangedor... às vezes, não tem graça nenhuma.

O filme, escrito e interpretado pelo britânico Sacha Baron Cohen, é sobre um repórter de televisão do Cazaquistão, Borat Sagdiyev, que é enviado pelo seu governo aos Estados Unidos para aprender a cultura do "maior e melhor país do mundo". Em Nova York ele vai abordar estranhos na rua e tentar cumprimentá-los à maneira calorosa de seu país, o qual muitos se sentirão agredidos. Algumas cenas são patéticas e Borat incorpora literalmente o clichê do estrangeiro, estúpido e ingênuo, como acreditam muitos americanos, o que nessa leitura boratiana se torna: retardado e descompensado. Em outros momentos ele parte para o absurdo, como defecar em pleno centro da cidade sobre a fachada do imponente edifício do

milionário Donald Trump, invadir uma convenção num hotel de luxo completamente nu ou fazer declarações misóginas, incestuosas, raciais e homofóbicas aos seus entrevistados. Ele vai sobretudo pressioná-los até seus limites, seja moral, racional, físico ou crença religiosa.

Fascinado pelo apelo sexual feminino na televisão americana, Borat se apaixona pela atriz de Baywatch, Pámela Anderson, e decide ir na Califórnia para pedir-lhe em casamento. A desculpa é boa e nos leva a atravessar os Estados Unidos de uma costa à outra. Um road-movie à la americana não poderia ser mais oportunista, e ao mesmo tempo, interessante pelo contraste de pessoas que Borat e seu fiel produtor Azamat encontram pelo caminho.

Há momentos que o pacto entre Borat e seus entrevistados realmente acontece e o filme nos presenteia com situações interessantes do non-sense e da banalidade. Como com os jovens universitários "fraternity boys" com quem Borat se embebeda num trailer móvel, ou com os fiéis de uma igreja pentecostal onde se faz exorcizar, ou ainda, com a turma de rappers negros. Outros momentos, Borat rompe com o contrato não deixando os entrevistados conduzirem a ficção, como com os convidados à mesa de jantar, ou com o instrutor da auto-escola. Outros momentos mais óbvios e constrangedores são aqueles em que os entrevistados acreditam realmente na ficção e tomam Borat como um verdadeiro repórter documentarista como com as feministas, o ativista do congresso, ou no rodeio, onde diante um público caloroso ele faz declarações embaraçosas e credíveis: "Que os EUA consigam matar todos os terroristas! Que George Bush possa beber o sangue de cada homem, mulher e criança do Iraque!", seguido de aplausos da platéia.

O Cazaquistão existe de fato? Parece inoportuno ou desnecessário fazer a pergunta se o ator-entrevistador não tivesse feito tanta questão de trazer uma certa verdade ao discurso cinematográfico documental enfatizando as origens do personagem e do filme. Desde os créditos de abertura, a imagem simula o envelhecimento da película como se estivéssemos assistindo um filme feito pelos cazaquistões nos anos 80. A língua que Borat fala não é nem do Cazaquistão nem completamente falsa, e sim uma mistura do hebreu e do polonês. E, ao invés de recriar num estúdio as cenas do Cazaquistão, ele vai à um pequeno vilarejo da Romênia, que em concordância (monetária, com certeza) com os seus residentes, estes aceitam se fazerem passar pelo povo desse longínquo país. Será que hoje numa era globalizada onde Borat será visto no mundo todo, podemos ainda falar em distante ou exótico? Pelo que parece a escolha do Cazaquistão foi completamente aleatória e sem nenhuma razão em particular a não ser o fato de ser um lugar pouco conhecido no ocidente.

Borat me lembra um pouco os últimos filmes de Sérgio Bianchi (*Cronicamente inviável* e *Quanto vale ou é por quilo?*) onde há também esta mesma necessidade de levar o discurso documental aos seus limites de crença e descrença da imagem e da narrativa. Será que vivemos numa era tão absurda assim?

***Super Amigos* (2007) Arturo Pérez Torres**

Super Amigos (2007) do cineasta mexicano Arturo Pérez Torres faz uma perfeita simbiose entre desenho animado, ativismo e documentário. O filme apresentado recentemente no Festival do Cinema Queer de Vancouver não é sobre a problemática gay mas inclui o ativismo entre tantos outros que existem no México. Super Amigos mostra o lado opressor e desigual da sociedade mexicana. O filme enfoca cinco super-heróis mascarados, lutadores de luta livre que defendem causas sociais. Super Barrio luta pelo direito dos mais pobres à moradia, Super Ecologista contra o desmatamento, Super Gay contra a homofobia, Frei Tormenta contra a miséria e Super Animal contra os maus tratos aos animais, especialmente as touradas, uma herança da cultura espanhola como ele mesmo diz. A grande qualidade e inovação deste documentário é de casar a animação e a linguagem dos quadrinhos à narração e à montagem do filme. Principalmente, quando o filme faz um retrospecto sobre o nascimento dos super-heróis.

O ativismo dos super-heróis varia bastante de um para outro. Enquanto que numa parte da cidade, Super Gay participa de passeatas e dá consultas às famílias de homossexuais que sofreram discriminação ou agressão física, Super Animal

organiza protestos diante da assembléia legislativa e estádios de touradas. Enquanto Super Barrio encampa prédios e coloca a sua marca diante das moradias à la Zorro, Frei Tormenta prega o evangelho aos meninos de rua. Já Super Ecologista distribui cartões amarelos aos clientes de Wal-Mart que compram pinheiros de natal, faz instalações com restos de lixo no centro da cidade e conscientiza os consumidores quanto ao excesso no uso de embalagens e sacos plásticos nos supermercados.

Uma opção do filme que causa um certo desconforto nos espectadores é o fato de não mostrar a verdadeira identidade desses mascarados. Esta não somente uma opção do diretor mas algo defendido pelas pessoas por detrás das máscaras. Elas consideram irrelevante e cada uma explica e defende de uma maneira diferente a escolha de não revelarem suas identidades secretas. Enquanto um alega que o mito precisa continuar a existir independentemente de sua pessoa, outro diz que a causa que ele defende deve ser identificada com o personagem, e além disto, a máscara serve como uma proteção quanto a uma possível discriminação social. A discussão está lançada. O filme assim desvenda caracterísitcas essenciais para compreender a sociedade mexicana, aliada à uma narração criativa e uma direção bastante segura de Arturo Pérez Torres, fica quase impossível de não se tornar fã desses super-heróis. Aliás, que nome mais propício para os agentes sociais de hoje?

***A Bolha* (2006) Eytan Fox**

A Bolha (Ha Buah, 2006) do israelense Eytan Fox é uma história de amor entre um palestino e um israelense, à la Romeo e Julieta, onde incorpora o debate político entre as duas culturas no drama existencial dos protagonistas. Enquanto o personagem israelense se questiona sobre o seu papel como soldado de fronteira, o palestino tenta revelar sua opção sexual junto à sua família. O que torna o filme excepcionalmente bem realizado é a tensão entre a afirmação sexual e política dos personagens. O drama oscila constantemente entre os dois terrenos tentando se equilibrar num fio perigoso e extremamente instável. A passagem da fronteira entre Israel e o território palestino aumenta a tensão da intriga do filme e coloca tudo em suspensão, a possibilidade de uma relação estável entre dois homens de culturas opostas. O final do filme é tanto credível quanto absurdo, e coloca os espectadores numa posição difícil. A insensatez da guerra se torna a insensatez da discriminação contra os homossexuais.

***Abrigo* (2006) Marco S. Puccioni**

Esses questionamentos sobre a aceitação de casais homossexuais e os conflitos sociais estão fortemente presentes no filme **Riparo – Anis tra di noi** (*Shelter me* ou *Abrigo, Anis entre nós*, tradução literal, 2006) do italiano Marco S. Puccioni. A multitalentosa e poliglota atriz e diretora portuguesa Maria de Medeiros, interpreta uma executiva italiana, Ana, que acaba, à contra-gosto, traficando um clandestino em seu carro na volta de uma viagem de férias na Tunísia. Anis, um adolescente marroquino, entra assim como mais um ponto de diferença na vida do casal lésbico. Enquanto, Ana resolve ajudar o rapaz, Mara, que trabalha como operária na fábrica de sapatos da família da amante, não concorda em abrigá-lo em sua casa. E a carga dramática do filme não pára por aí. As duas tem ainda que lidar com a rejeição da mãe de uma e o pai hospitalizado e esquizofrênico da outra. Anis surge assim como um ponto de discórdia entre elas que acaba se tornando uma válvula de escape para uma relação por demais complexa. O personagem de Anis vai revelar ainda uma difícil situação dos imigrantes ilegais na Itália. Ele é o bom ingênuo de uma sociedade tradicional, que coloca questões simples e arcaicas mas que se revelam mais complexo do que se imagina: "Uma mulher precisar casar e ter um marido," argumenta o rapaz dentro da sua obviedade das coisas. Incapaz de respondê-lo, Ana mostra a mesma inabilidade em lidar com o altruísmo e a compaixão "capitalista". Até onde uma relação à dois existe por amor ou por conveniência? Até onde vai nossa aceitação aos diferentes?

***Borderless me* (2007) e *Checkpoint* (2007)**

Os curtas **Borderless me** (*Não me fronteire*, tradução literal, 2007, 12 min) de Setareh Mohammadi e **Checkpoint** (*Ponto de revista*, tradução literal, 2007, 14 min) de Alex Mah enfatizam os dramas da imigração e da discriminação sexual como temas principais dos documentários. Enquanto o primeiro coloca no centro do quadro o depoimento de uma transexual iraniana sobre os conflitos da aceitação social e sexual, o segundo entrelaça os depoimentos de sete transexuais imigrantes, que preferem não mostrarem seus rostos. Eles relatam a dificuldade em carregar uma carteira de identidade que pós-cirurgia de mudança de sexo não mais os corresponde. Como não se identificar ou ter piedade pelas histórias sofridas de seus entrevistados? Como construir imageticamente depoimentos tão dramáticos? Ambos filmes foram realizados dentro do projeto Firstout Vídeo do Festival do Cinema Queer de Vancouver, o qual dá oportunidade e treinamento a jovens gays para realizarem seus primeiros audiovisuais dentro da problemática do festival. O resultado é impressionante. Os vídeos saem do lugar comum e mostram temas maduros e complexos à serem realizados. Mesmo que Mohammadi opte pela maneira mais simples do documentário, ou seja, um entrevistado narrando a sua história para a câmera, a complexidade vem na narração e no grau de confiança entre diretor e personagem. Um depoimento forte e lúcido não somente sobre a sua condição pessoal mas principalmente sobre a sociedade canadense. As imagens de Quvi é constantemente remetida à imagens translúcidas e plácidas de lagos e de paisagens naturais, um contraste tão forte quanto a obstinação e certeza sobre a sua opção, para ela "natural", da mudança de sexo. Outro desafio ainda mais desencorajador para o jovem documentarista Alex Mah estaria desde o ponto de partida de seu filme. Como ilustrar um documentário baseado em depoimentos pessoais, no qual os depoentes se opõem em serem vistos? A montagem são de vozes, de depoimentos que ecoam nas imagens da cidade na qual essas "novas" mulheres de vozes masculinas habitam. E, surpreendentemente, elas habitam também o filme. E, suas narrativas soam compreensíveis e encadeadas. O espectador não se perde entre um depoimento e outro que a medida que o filme avança se tornam cada vez menos abstratos. Seus rostos, assim, se tornam "irrelevantes" para entendermos a complexidade que vivem essas pessoas em habitar novos sexos e construírem novas "identidades".

A Rainha de Versailles (2012) Lauren Greenfield

Documentário dirigido por Lauren Greenfield, ***A Rainha de Versailles*** (Queen of Versailles, USA, 2012), bateu o recorde de bilheteria no tradicional cinema Bloor, um dos maiores e antigos cinemas de Toronto e recentemente reformado pelo Hotdocs. O filme é uma dessas preciosidades escondidas atrás de um título pomposo e à primeira vista superficial. O trabalho da documentarista Greenfield se revela muito mais atento e minucioso e nos revela uma personagem rica de contradições, manieirismos e sutilezas. Nunca sabemos até onde a socialite Jackie Siegel é completamente verdadeira diante da câmera ou o quanto ela constrói uma "persona" que não tem nada de superficial e faz frente aos grandes personagens que o cinema de Hollywood é capaz de produzir.

Podemos falar também neste documentário do fator sorte, a intenção inicial da diretora Greenfield, antiga fotógrafa da revista Elle, era fazer um filme sobre a construção na Flórida da maior residência dos Estados Unidos, inspirada no palácio de Versailles e com vista para a Disneylândia, no valor de mais de 100 milhões de dólares. No entanto, com a confiança que adquiriu com os entrevistados, Jackie e seu marido David Siegel, ela pôde testemunhar um dos momentos mais dramáticos da história dos Estados Unidos: a queda da economia americana de 2008. As consequências para essa família – considerada como uma das mais poderosas e que foi capaz de decidir as eleições presidenciais a favor de George W. Bush – foram catastróficas. Nesta recessão e adaptação aos altos e baixos, as contradições humanas ganham volume e se ajustam às contradições e conflitos financeiros que se seguem. Tanto o maior hotel-resort de Las Vegas vem abaixo quanto o palacete semi-construído da Flórida se revela como um dos maiores elefantes brancos e (sem-querer) símbolo desta derrocada econômica. A compreensão da mentalidade do povo americano, entre o começo humilde à acensão à riqueza "absurda", tanto quanto os valores "humanos" que o dinheiro pode comprar se mostram à nu neste filme imperdível. "Ela compra compulsivamente e coleciona tudo... até filhos," diz o marido. "Se eu não tivesse babá eu teria um ou no máximo dois filhos, mas com babá tudo fica fácil," contrapõe Jackie, na época que havia à sua disposição uma babá para cada filho.

5 Câmeras Quebradas (2012) Guy Davidi e Emad Burnat

Do outro lado do mundo, segue uma guerra com proporções absolutamente incompreensíveis. O conflito na Faixa de Gaza entre Israel e Palestina dura muito tempo diante de uma sociedade mundial estarrecida e impotente. Sem saber como definir quem é o herói e quem é o vilão, os dois lados desta guerra acabam se encontrando no filme ***5 Câmeras Quebradas*** (5 Broken Cameras / Hams Cameraten Maksura / Hamesh Matzlemot Shvurot, Israel/Palestina, 2012) dos documentaristas israelense Guy Davidi e palestino Emad Burnat. Emad é um jornalista testemunha de seu tempo e de sua própria miséria. Ele encontrou sua força de resistência e de luta através do registro videográfico das demonstrações palestinas contra a invasão israelense na cidade de Bil'al.

As câmeras são vítimas deste testemunho e vão se quebrando e sendo substituídas ao longo de cinco anos. Em muitos casos elas receberam um tiro certeiro no meio do "olho" de suas lentes, e uma com a bandeira brasileira colada no seu "corpo" ainda guarda a bala no seu interior como testemunha da violênciae da milícia israelense.

Israel decretou que a cidade de Bil'al é uma zona militar e todos palestinos que insistirem a continuar em suas casas são considerados infratores e invasores. Para aumentar o caos e fazer valer a lei os militares invadem casas durante à noite, criando terror na população e constrõem muros que impedem a livre circulação dos habitantes. Do outro lado do muro, as oliveiras são queimadas e arrancadas para dar lugar à conjuntos habitacionais. Emad é casado com uma brasileira, e assim vemos o nome e os símbolos nacionais do Brasil por todos os lados da casa e roupas dos familiares, e ouvimos vez por outra umas palavras em português como: Minha Vida. Emad filma o tempo todo mas com um status ambíguo entre jornalista e manifestante, a milícia sempre acaba por prendê-lo, já que ele consegue filmar e testemunhar fatos e atrocidades que nenhuma outra câmera jamais pôde registrar e que infelizmente nenhuma outra mídia quiz mostrar. Aqui é o próprio documentário como instrumento de resistência e mídia alternativa.

Entre a indignação e o espanto, Emad se coloca sempre em perigo nos momentos de conflito e ensina ao filho de cinco anos a ter a pele dura e o corpo forte para resistir aos gazes lacrimogênicos lançados a todo instante na população desarmada. "Porque não o matamos com faca, papai?," pergunta o filho.

O testemunho de sua câmera imparcial e sem emotividade é um dos lados mais surpreendentes dessas imagens... a violência crua, nua e brutal. Não há concessões nem para um lado ou para outro, apenas a resistência e o testemunho "ocular" da história aontecendo no seu próprio quintal. Como não pensar nessa era digital, quando milhões de mini-câmeras de celulares ao redor do mundo captam à todo momento testemunhos ímpares de nossa história contemporânea... o desafio é saber juntar estas imagens e criar narrativas condizentes como fez este filme... imperdível.

***Otra Película de Amor* (2010) Edwin Oyarce**

Otra película de amor (Another Movie of Love, 2010, parte da programação do 21º. Inside Out em Toronto) do chileno Edwin Oyarce, parece mesmo ter sido transportada é de outro tempo… uma fábula que nos envereda pelos tristes e sofridos caminhos da nostalgia ou do sentimento da falta (como diria os castelhanos). Diego, um garoto recém-saído da adolescência, diz no início do filme ao amigo Sebastian não ser nostálgico como o amigo e não sentir saudades de nada. Ele justamente que não parar de tirar fotografias com uma velha câmera reflex e contar histórias para a amiga em coma. Esta questão do tempo nostálgico é o pretexto para Oyarce nos conduzir pelos caminhos de um *coming age* que no vocabulário gls também se confunde com *coming out*, quando estes ao mesmo tempo que amadurecem os anos teens acabam descobrindo e explorando suas opções sexuais.

Assim os dois amigos vão se aproximar e compartilhar uma intimidade que vai além dos limites do permitido... já que eles ao mesmo tempo que avançam nessa descoberta sexual mútua se retraem e se censuram. Um sentimento bastante presente nos personagens e que no filme não se "explica" através da imagem de uma sociedade repressora ou moralista (como acontece de costume na sociedade machista latino-americana), já que a mãe de Diego não somente se mostra aberta para o mundo, como parece incitar um jogo de sedução entre os rapazes. Esses limites repressivos quem estabelecem são os próprios rapazes, com suas angústias, medos e indecisões... que são apenas revelados para a televisão, que parece ser a mantenedora de uma espécie de consciência libertária. Assim o não-dito se confia à televisão e esta se revela uma imagem de origem que o próprio filme-mundo desdenha... a vídeo-arte.

O filme constrói a fábula da nostalgia também através dessa imagem videográfica nervosa, granulada, "sem correção de cores" (como indica o texto inicial), cheia de "imperfeições" visuais, que dá um tom de um tempo e de um clima do passado, o que as curvas das margens do quadro nos faz lembrar das fotos de papel envelhecidas dos anos 80. Poderíamos entendê-la como uma composição ou representação do passado, mas a modernidade e contemporaneidade do olhar não nos deixa enganar, este filme está longe de estar envelhecido.

Christopher and his kind (2010) de Geoffrey Sax

Se você gosta do filme *Cabaret* (1972) de Bob Fosse ou da literatura produzida durante os duros tempos da Segunda Guerra Mundial, não poderá deixar de ver *Christopher and his kind* (2010) de Geoffrey Sax. O filme mostra exatamente o período em que o escritor Christopher Isherwood (*A Single Man*, 2009) viveu na Berlim do pré-guerra seguindo um convite do seu amigo e amante, o poeta W.H. Auden. É durante esta fase que ele escreve sua novela mais conhecida, *The Berlin Stories*, que mais tarde seria adaptada para o cinema e em musical na Broadway. O filme é baseado na autobiografia de Isherwood, e temos a impressão que definitivamente sua vida pessoal foi transportada para os seus escritos, assim vemos os personagens que o inspiraram a criar a cantora de cabaré Sally Bowles ou do tímido escritor e professor de inglês, Brian Roberts. Neste filme *biopic*, Isherwood não é nada tímido, apesar de como seu personagem Roberts, também dar aulas de inglês e se posicionar politicamente em favor dos judeus. Nem tampouco como seu personagem é sexualmente confuso, aliás ele vai justamente à Berlim para explorar e viver livremente sua homossexualidade, longe da repressiva e aristocrática sociedade inglesa. O filme foi produzido para a rede BBC e tem no papel central Matt Smith (do seriado *Dr. Who*) que desempenha um Isherwood extremamente carismático e ao mesmo tempo dogmático, como imaginamos ser todos os *gentlemen* ingleses, com o seu cinismo, sarcasmo e comentários dúbios à britânica. Se você pensa ainda em assistir alguns dos mais de 30 filmes do 21°. Inside Out em Toronto, este é uma ótima opção.

***Puisque nous sommes nés* (2008) Jean-Pierre Duret e Andrea Santana**

Puisque nous sommes nés de Jean-Pierre Duret e Andrea Santana (França, 2008) apresentado noHotDocs de Toronto como "Because we were born" e espantosamente intitulado no Brasil de "No meio do mundo", poderia ser considerado do documentário Direto senão fosse os temas das conversas que os "personagens" mantêm entre eles. Nego tem 9 irmãos e todos vivem com a mãe e um padrasto, já que os irmãos têm pais diferentes, e ele já teve vários padrastos. Todos moram numa pequenina casa próxima à uma rodovia. O pequeno vilarejo não tem água encanada, todos dependem do caminhão pipa, que quando vem não dá conta de servir a todos. Nego não quer ir à escola prefere perambular por aqui e ali, especialmente nos arredores do posto de gasolina, onde sempre encontra com seu amigo Cocada. Este aparenta um pouco mais velho e tem uma boa relação com os caminhoneiros que param no posto. Mas esses meninos têm fome, e a pouca grana que conseguem arrecadar num dia mal paga a comida, assim eles pegam restos nas mesas do restaurante. Enquanto isto, em uma outra parte do vilarejo, um sertanejo vê sua vaca de leite morrer de fome, calor e sede. Em troca de seis mil tijolos ele decide então comprar uma outra vaca, e assim a vida segue no seu ritmo lento e constante. No entanto, é uma vida construída a partir dos detalhes (uma mosca, um pé rachado, um prato de comida, um machucado no braço) que nos impede muitas vezes de apreciar o todo, e é justamente uma visão desse todo que falta "No meio do mundo".

Em planos bem fechados a câmera explora os detalhes da miséria e os rostos marcados dos entrevistados enquanto eles elucubram sobre a vida, a morte e a violência. Estas poderiam ser conversas quotidianas que garotos adolescentes e desprivilegiados de todo o Brasil discutiriam sem cesse durante todas as suas vidas... será? Algo soa estranho, uma palavra colocada na boca dos meninos, um movimento brusco do oleiro, um gesto exaltado da mãe, e o filme vai perdendo "veracidade", não a verdade dos fatos, mas o charme que a "realidade" incorpora e enriquece todo documentário.

***Pachamama* (2008) Toshifumi Matsushita**

A primeira impressão que se tem do filme *The Gift of Pachamama* (El regalo de la pachamama, 2008) do cineasta japonês Toshifumi Matsushita é que se trata de um filme ficcional clássico ancorado numa narrativa cinematográfica tradicional. A estória é de uma comunidade de Quíchua, no sul da Bolívia, onde o menino Q'unturi (Christian Huaygua) trabalha com o pai na criação de lhamas e na extração de sal. É um filme sobre a adolescência de um menino e sua passagem à vida adulta, a experiência do sofrimento, a aprendizagem da cultura e o surgimento do desejo amoroso, o que poderia se passar em qualquer lugar do mundo, afirma o diretor. Perguntei como ele define o filme? Matsushita tentou se esquivar dizendo ser esta uma pergunta difícil de responder, pois prefire que o público o defina por si mesmo. Finalmente respondeu dizendo: um docu-drama.

O tratamento do filme é quase antropológico, pois se baseia nas pesquisas e andanças de Matsushita durante quatro anos nas terras bolivianas. A cada viagem e contato com as comunidades, o roteiro foi se modificando e acrescentando antigos mitos e lendas – mistificando ainda mais o cotidiano local. Ele criou assim um roteiro de situações "épicas e ancestrais" e pediu às pessoas da região, que se tornaram atores do filme, para improvisarem os diálogos – já que o diretor não fala quíchua e pouquíssimo espanhol. Toda a equipe de produção do filme foi composta também por técnicos locais somando assim mais uma das subjetividades dos bastidores da trama.

O grande encontro entre essas duas culturas (boliviana e japonesa), aparentemente distantes, reside na maneira como elas interagem com a natureza. Segundo o diretor, existe uma grande espiritualidade que vem do contato e do respeito com a terra, daí o título, Pachamama – terra mãe. "Eu espero que esse menino passe a sua cultura e língua Quíchua para as gerações seguintes" afirmou Matsushita.

***O homem que engarrafava nuvens* (2009) Lírio Ferreira**

Produzido pela atriz Denise Dumont, ***O homem que engarrafava nuvens***, dirigido pelo pernambucano Lírio Ferreira (*Baile Perfumado*, *Árido Movie* e *Cartola*), é uma aula sobre música popular brasileira ao mesmo tempo que um corajoso depoimento de Dumont. "Eu não conhecia meu pai" – diz a atriz no início do documentário andando pelos corredores de um cemitério. Seu pai para espanto de muitos foi nada menos que o autor de *Asa Branca* – um dos hinos do repertório musical popular brasileiro – Humberto Teixeira (que todos nós conhecemos!). O filme faz toda uma viagem musical sobre a ascendência do baião na música popular através dos acordes de Teixeira e a voz de Luiz Gonzaga nos idos 30 e 40 até os dias hoje. Vários cantores brasileiros (Os Mutantes, Bebel Gilberto, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gal Costa, Gilberto Gil, Maria Bethânia, etc.) e estrangeiros como David Byrne reinterpretam os clássicos de Teixeira, enquanto que paralelamente, aos poucos, e cronologicamente, vamos conhecendo mais sobre a história do baião e a consagração mundial desse estilo da música sertaneja. No entanto, fica para o final o grande desabafo e talvez a razão do documentário, Dumont em depoimentos emocionados, especialmente aquele ao lado da mãe, fala da vida boêmia do pai e a consequente ausência em sua vida. Mas se você não conhece Dumont ou se você não tem curiosidade histórica, regale-se com as sequências musicais que Lírio Ferreira e o diretor de fotografia Walter Carvalho fazem desfilar com elegância e maestria na tela.

Só Quando Eu Danço **(2008) Beadie Finzi**

Cineasta estrangeira acompanhou dois jovens balairinos da favela do Rio de Janeiro em competições mundiais. Elegância talvez seja a palavra que defina o documentário ***Só Quando Eu Danço*** (*Only when I dance*) da diretora Beadie Finzi. Ela acompanha com delicadeza e bastante "zelo" a ascenção de dois jovens bailarinos--Isabela dos Santos e Irlan Santos da Silva--da favela carioca Complexo do Alemão aos palcos de competições internacionais na Europa e nos Estados Unidos. Ambos talentosos, mas com sérios problemas financeiros, eles precisam ser os melhores para poderem compensar todo o esforço e empréstimos que os pais fazem para arcar com o sonho dos filhos. Bastante emocionante pelo lado brutal que a grana se torna um obstáculo para o futuro desses jovens, o filme nos deixa levar pelo drama humano de bastidores que cerca toda e qualquer competição. Talvez o filme peque um pouco pelo excesso de zelo, e por isto perca um pouco o equilíbrio, justamente naquela linha tênue que separa um documentário (da mesmice) de uma reportagem de televisão. Afinal, em tempos digitais, a diferença entre uma mídia e outra é bastante subjetiva. Será que o HDCAM (Câmera digital de alta definição) tem a sua parte nesta história? Enquanto a cena de abertura é o bailarino Irlan dançando na laje de sua casa com a favela de fundo, na cena final não poderia ser diferente, o mesmo jovem dança no alto de um edifício em meio aos arranha-céus de Nova Iorque.

4 Documentários que eu poderia ter ficado sem ver em 2011!

1) ***Canções do Exílio - A labareda que lambeu tudo*** (2010) de Geneton Moraes Neto narra um dos períodos marcantes da carreira de Caetano Veloso e Gilberto Gil, quando foram exilados em Londres por quase três anos durante a ditadura militar, Na época eles estavam acompanhados por Jorge Mautner e Jards Macalé, que também são entrevistados no filme. O documentário é muito pessoal e mostra o fascínio e endeusamento do repórter da Globo (veja foto ao lado do repórter entrevistando Gil e Caetano nos anos 70) com os cantores em entrevistas intimistas e reconstituição histórica dos fatos sobre o período dos militares. O filme tem um dos começos mais chatos e constrangedores que eu já tenha visto num documentário. Paulo Cesar Pereio em big close, quase babando, interpretando o texto em primeira pessoa do repórter, Geneton Moraes Neto, onde este declara a sua fascinação e tietagem com Caetano e Gil.

2) ***Noel Rosa Poeta da Vila e do Povo: Uma Reportagem Musical*** (2011) de Dácio Malta é um documentário sobre a curtíssima vida e obra fulgurante de Noel Rosa. Morto aos 26 anos ele produziu um sem número de obras musicais e se tornou uma das maiores referências da música brasileira. Noel realmente mereceria um documentário mais apurado e com mais estilo. O filme se perde, com uma direção e uma edição trôpega. Excede no uso de legendas, muitas das vezes desnecessárias, como por ex, enquanto João Bosco está cantando aparece a legenda "João Bosco, cantor"! Pelo número bastante expressivo de imagens de arquivo, incluindo esta de Bosco, a legenda poderia nos informar dados mais relevantes, como a data e o lugar onde estas imagens foram feitas. Dividido em partes temáticas, o filme oscila demais entre os assuntos que discute, e a edição peca nas elipses das entrevistas e das músicas. No quesito musical, o filme muitas vezes cai no marasmo e não apresenta momentos memoráveis ou históricos de shows ou de artistas que fizeram sucesso com as músicas de Noel. A impressão que se tem, pela insistência e repetição de alguns depoimentos e imagens, é que a principal tarefa deste documentário não é celebrar a obra de Noel, mas provar a tese de que ele é um dos mais importantes compositores do Brasil, ou melhor, do mundo, como afirma um dos entrevistados. Não seria um

pouco perda de tempo, já que sua obra é regravada sem cesse pelos artistas brasileiros? Assim, não podemos dizer que ele é esquecido ou desprestigiado!

3) ***O contestado restos mortais*** (2010) de Sylvio Back. Historiadores e populares (estilo talking-heads) contam os episódios da guerra do Contestado no interior do estado de Santa Catarina entre os anos 1912-16. Intercalado aos depoimentos estão sessões espíritas com os médiums incorporando os participantes da guerra, agonizando com a dor de suas mortes. Um filme que em geral não se adequa a qualquer público por dois motivos básicos: a história é muito local e excessivamente falada. Isto se torna ao longo de duas horas de filme, muito cansativo para o público

acompanhar os vais-e-vens desta história-intrincada e repleta de informações. O assunto é muito interessante e historicamente importante, principalmente no diálogo entre Canudos e Contestado, onde se confundia militarismo e religiosidade, república e monarquia celestial. No entanto, as intercessões "espíritas" chegam a ser constrangedoras quando colocadas lado-a-lado com os depoimentos de inúmeros historiadores entrevistados, onde reconstituem os fatos-históricos. Sylvio Back (foto acima, com uma das participantes do filme) é um documentarista de renome no Brasil, mas também conhecido por filmes bastante localizados na região sul do país, o que alguma das vezes o público tem dificuldade, como neste caso (talvez falha do documentarista em criar links com a história contemporânea nacional) de entender e se identificar com o tema abordado.

4) ***Quem se importa*** (2010) de Mara Mourão é um documentário sobre os empreendedores sociais de organizações não-govermentais de várias partes do mundo. Muitas histórias interessantíssimas de empreendedorismo social no mundo, incluindo várias no Brasil. No entanto, a forma inicial é daqueles infomercial (estilo lavagem cerebral) sobre pobreza e ajuda humanitária sem um conteúdo bem tratado e uma história bem construída. O assunto é superimportante e atual sobre os empreendedores sociais, mas a forma é amadora e as histórias privadas dessas pessoas (o que é mais interessante no filme), somente vão aparecer do meio para o final do filme. Enquanto isto, durante quase uma hora, o público é "bombardeado" de imagens clichês e fórmulas piegas sobre globalização e o fim da humanidade. O tom do narrador *off* é moralista, piedoso e superficial; e, a edição de imagens é simplista assim como a trilha sonora é *over*, dramática e lugar-comum, o que esvazia a imagem de sentido.